

Especial Cinema

'Mistérios de Lisboa'

é um filme de Raúl Ruiz (estreia-se amanhã) com produção de Paulo Branco, que adapta o rocambolesco livro escrito por Camilo Castelo Branco em 1854 e publicado antes em folhetins, num jornal do Porto. A versão de cinema tem quatro horas e meia, uma produção de grande aparato, um vasto elenco de actores portugueses e estrangeiros (Adriano Luz, Maria João Bastos, Melvil Poupaud, Clotilde Hesme, Afonso Pimentel, Ricardo Pereira, etc.) e faz plena justiça à obra de Camilo. A versão de televisão em episódios, com seis horas, estreia-se na RTP em 2011, mas pode ser vista em Novembro, no Estoril Film Festival. O DN entrevistou Raúl Ruiz por telefone e o realizador falou sobre Camilo, a adaptação feita pelo argumentista Carlos Saboga e as versões para cinema e televisão



“Em Camilo, mesmo as incoerências são conseguidas”

EURICO DE BARROS

Já conhecia Camilo Castelo Branco, ou só o conheceu graças a *Mistérios de Lisboa*?

Conhecia o Camilo precariamente, não mais de seis ou sete livros. Conheci-o quando o Manoel de Oliveira realizou *Amor de Perdição*. Li o livro em francês e depois interessei-me pela sua maneira oblíqua de encarar o sistema narrativo romântico, por assim dizer. O seu modelo é o modelo romântico francês, mas enquanto este é muito enfático o do Camilo é mais esquivo, por vezes. Foi o que me interessou, e também porque sempre me interessei pelos formatos populares folhéticos. Eu comecei por trabalhar com novelas latino-americanas, sobretudo mexicanas, quando estive no México, e posteriormente também no Chile. Tudo isto ao mesmo

tempo que praticava um certo tipo de teatro de vanguarda, o que na época queria dizer Beckett e Ionesco de um lado, e Brecht do outro. O que é divertido nos *Mistérios de Lisboa* é que é uma espécie de telenovela. Até já fizeram uma minissérie para a TV brasileira, em que misturavam este livro e o *Amor de Perdição*.

O que acha do trabalho de argumento feito pelo Carlos Saboga? Ele enfrentou um livro densíssimo, com mais de 600 páginas.

Ele fez um trabalho excelente. Eu nunca teria sido capaz de uma tal tarefa, sobretudo porque não sou português. Antes de mais, há que ter uma técnica excelente – e ele tem-na –, e ser português ao mesmo tempo. Havia, por exemplo, subtilidades de diálogo que eu nunca teria captado. E a história está cheia de incoerências, há personagens que dizem que vão fazer uma coisa e não fazem, ou fazem o contrário. Mas as

incoerências são conseguidas, porque a vida é mesmo assim. Em Camilo, mesmo as incoerências são conseguidas.

Muitos dos actores também fazem telenovelas. Teve isso em linha de conta quando escolheu o elenco?

Como se diz em francês, eu escolhi os actores pelo *bouquet*, pelo conjunto que formavam. O meu primeiro critério foi a idade. Os actores tinham de ter a idade das personagens, o que nem sempre sucede no cinema. Depois, alguma beleza, porque as personagens do livro são belas. E ainda a qualidade, mas aí estava tranquilo, porque, em geral, os actores portugueses são bastante bons, é preciso é darmos-lhes um mínimo de tranquilidade, de calma, para trabalhar.

Como correram as filmagens?

Muito bem. Não houve problemas, excepto a minha doença. Tive de ser internado e operado, foi grave, mas,

também graças a isso, correram bem. Mas a tranquilidade na rotação é uma especialidade minha. Os actores sentem que não haverá perturbações e começam a inventar, e isso é sempre bom. E tivemos um bom orçamento, o filme é sumptuoso nalguns aspectos.

Nunca tinha filmado para cinema e TV ao mesmo tempo. A experiência foi boa?

Rodámos tudo de uma vez. A montagem para TV é mais direccionada, e foi pensada para a alta definição. A montagem de cinema foi mais livre. Na versão de TV há mais do *Livro Negro do Padre Dinis*, que se passa antes da intriga do filme e que conta a juventude do padre Dinis. Mas, mesmo assim, há muita coisa que não cheguei a usar nem na versão de cinema nem na de TV. É que o livro tem muitas personagens, tantas que até desaparecem e reaparecem mais tarde.

ENTREVISTA RAÚL RUIZ



Cineasta

↳ Nascido em 1941 em Puerto Montt, no Chile, Raúl Ruiz dedicou-se ao teatro de vanguarda nos anos 50 e 60 e realizou o primeiro filme em 1968, *Tres Tristes Tigres*. Militante de esquerda e apoiante de Salvador Allende, deixou o Chile após o golpe militar de Augusto Pinochet e foi instalar-se em França. O seu primeiro sucesso na Europa foi *A Hipótese do Quadro Roubado* (1979). Ruiz já rodou várias vezes em Portugal. Entre os seus filmes contam-se *A Cidade dos Piratas* (1983), *Três Vidas e Uma Só Morte* (1996), *O Tempo Reencontrado* (1999), uma adaptação de Marcel Proust que diz ter “algum parentesco com *Mistérios de Lisboa*”, ou *Klímt* (2006). Também tem trabalhado para televisão e feito documentários. Deve voltar a Portugal “em breve”, para um novo projecto com Paulo Branco.

Livro saiu primeiro em folhetins num jornal

PUBLICAÇÃO Foi nas páginas do portuense 'O Nacional', em 1854, que Camilo Castelo Branco deu a ler 'Mistérios de Lisboa' ao público

Camilo Castelo Branco escreveu *Mistérios de Lisboa* em 1854, ano da morte de Almeida Garrett, quando tinha apenas 29 anos. O livro, agora reeditado num só volume pela Relógio D'Água (originalmente, foi editado em três partes), foi primeiro publicado em folhetins nas páginas do jornal do Porto *O Nacional*.

Graças a ele, o autor de *Amor de Perdição* é creditado como sendo o introdutor do género em Portugal. Em 1855, saíria *O Livro Negro do Padre Dinis*, sobre a juventude de uma das personagens principais dos *Mistérios*.

Três anos antes, Camilo tinha publicado uma outra novela de natureza folhetinesca, *Anátema*, inspirada num episódio do clássico *Notre Dame de Paris*, de Victor Hugo, e sua primeira experiência neste formato de enorme aceitação popular, veiculado pelos jornais da época.

Ao escrever o rocambolesco, terrífico e intrincadíssimo *Mistérios de Lisboa*, Camilo inspirava-se em *Mistérios de Paris*, de Eugène Sue, de que era leitor assíduo, e sobre o qual, por sua vez, também

Paul Féval tinha já capitalizado com o seu *Mistérios de Londres*.

O autor tinha pensado escrever antes *Mistérios de Coimbra*, e publicaria mais tarde, em 1868, *Mistérios de Fafe*, cuja intriga é muito menos complexa e atarefada do que a de *Mistérios de Lisboa*.

Para dar veracidade à obra, Camilo Castelo Branco apresenta-a como uma autobiografia real que lhe tinha chegado às mãos: "Este romance não é um romance: é um diário de sofrimentos, verídico, autêntico e justificado", escreve. O livro conta as histórias de Pedro, órfão de pai e mãe e nascido em família fidalga, e do bondoso e misterioso padre Dinis, que o educa, histórias essas que se cruzam e se fundem, e desafia qualquer descrição, pelo complicado enredo, que alinha e movimenta dezenas de personagens, e pela quantidade de peripécias que atravessam várias gerações e muitos países.



Adriano Luz: Camilo, o padre Dinis e Raúl Ruiz

ACTOR O intérprete de uma das personagens fulcrais do filme já encenou 'Mistérios de Lisboa' nos anos 90, no Monumental

Adriano Luz, que em *Mistérios de Lisboa* interpreta o padre Dinis, um dos pivôs da história, já tinha feito uma encenação do livro em 1995, no Monumental. "Foi um desafio do Paulo Branco, que deve ter uma fixação pelos *Mistérios*, por sugestão creio que do Jorge Silva Melo, numa adaptação do Abel Neves, em 13 episódios, como se fosse uma telenovela, cada um em dois dias. A história era parte em teatro, parte em vídeo, com fatos de época mas na Lisboa dos nossos dias, assumida, com os automóveis e as antenas de televisão", conta o actor. "E agora voltei a cruzar-me com os *Mistérios*, após estes anos todos."

Adriano Luz cruzou-se com Camilo "pela primeira vez, de forma não escolar, graças a *O Livro Negro do Padre Dinis*, que li tinha eu 16 anos, e achei delicioso. Mais tarde, em teatro, fiz o *Maria não Me Mates, Que Sou Tua Mãe*, numa encenação do Fernando Gomes".

Para Adriano Luz, "todas as personagens passam pelo padre Dinis. Ele tem uma dimensão quase de anjo, por vezes até de anjo da morte. Ele toca ao de leve a morte. Mor-te que, no Camilo, não é uma coisa má". Sobre Raúl Ruiz, que "inventou o quarto do Padre Dinis, que não está no livro do Camilo", diz o actor: "Ele é um homem muito inteligente, que parte de um princípio muito simpático para nós, seus interlocutores: nós também somos pessoas inteligentes. Esta forma de trabalho é muito boa, porque nos torna cúmplices do filme, oferece-nos o filme. Não fica tudo para ele." E.B.

OPINIÃO

Como passar (este) Camilo ao cinema

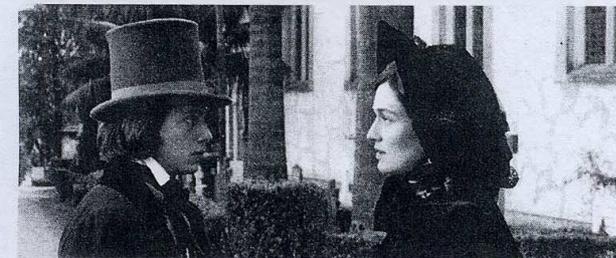


EURICO DE BARROS
Jornalista e crítico

» Mesmo no fim de *Mistérios de Lisboa*, há uma cena onírico-fantasmática que pode ter uma dupla leitura: ou a personagem principal, Pedro da Silva, revê toda a sua vida desde a infância, por estar à beira da morte, ou ainda é criança e sonhou tudo o que se passou anteriormente. Ou seja, todo o denso, convoluto, povoadíssimo e atarefadíssimo enredo que Camilo Castelo Branco concebeu originalmente sob forma de folhetim jornalístico, e no qual, através desta cena, Raúl Ruiz introduz uma nota de ambiguidade fantástica bem sua, mas que não desafia a narrativa camiliana. Mesmo apesar desta e de mais duas ou três liberdades que o realizador toma com a história (o quarto do padre Dinis, por exemplo, onde a personagem guarda os objectos e os segredos das suas "vidas" anteriores), a "voz" do escritor está por todo o filme. Ruiz e o argumentista Carlos Saboga conseguiram a proeza de transportar para imagens de forma legível as mais de 600 páginas de *Mistérios de Lisboa*, sem cederem às tentações quer do pastiche sarcástico quer da reverência paralisadora. Num filme destes, tudo tem que ver com tudo. É daquelas histórias em que se toca numa personagem e todas as demais estremecem, e qualquer acontecimento tem consequências imediatas ou futuras na narrativa. Mas de fio a pavio, e também graças a um elenco nivelado por cima e que veste bem as respectivas personagens, *Mistérios de Lisboa* mantém-se perceptível, ocupado, imprevisto, absorvente e por vezes inverosímil, tal como quando Camilo, mestre da invenção romanesca, o concebeu para os seus leitores – e sem nunca se resignar a ser "literatura" filmada. Finalmente, alguém que percebe que há mais Camilo além de *Amor de Perdição*. E que percebe como passar (este) Camilo ao cinema.



FOTOS DIREITOS RESERVADOS



Pedro (Afonso Pimentel) e o seu teatrinho (foto de cima). Com Elisa de Monfort (Clotilde Hesme); jovem (João Luís Arrais), com a mãe, Ângela de Lima (M. João Bastos); padre Dinis (Adriano Luz) e Ângela